INSTITUTO DE HUMANIDADES - IH

BACHARELADO EM HUMANIDADES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

JOÃO VITOR EVANGELISTA DA SILVA

O *FUNK* NO BRASIL: A CONSTRUÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO ETHOS FEMININO NAS CANÇÕES DOS MC´S DIGUINHO E JHEY

REDENÇÃO/ACARAPE

2022

JOÃO VITOR EVANGELISTA DA SILVA

O *FUNK* NO BRASIL: A CONSTRUÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO ETHOS FEMININO NAS CANÇÕES DOS MC´S DIGUINHO E JHEY

Projeto de Pesquisa apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Ceará.

Orientadora: Profª. Drª. Geórgia Maria Feitosa e Paiva.

REDENÇÃO/ACARAPE

2022

JOÃO VITOR EVANGELISTA DA SILVA

O *FUNK* NO BRASIL: A CONSTRUÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO ETHOS FEMININO NAS CANÇÕES DOS MC´S DIGUINHO E JHEY

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: __/04/2022.

BANCA EXAMINADORA:

_____

Orientadora: Profa. Dra. Geórgia Maria Feitosa e Paiva (UNILAB)

_____

Examinador: Prof. Dr. James Ferreira Moura Junior (UNILAB)

_____

Examinadora: Profa. Mestranda. Nathalia Medeiros Mesquisa (UFC)

REDENÇÃO/ACARAPE

2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus pela força e coragem que me permitiu viver coisas novas na minha caminhada.

Quero agradecer de forma grandiosa aos meus pais, Elza Marcelino e João Carlos, que sempre me impulsionaram a lutar pelos meus sonhos.

A música WAR Rap Felipe Ret é uma das minhas inspirações pessoais para buscar meus objetivos e isso me faz pensar o quanto sou forte e dedicado.

Quero gratificar todos meus amigos que sempre foram minha rede de apoio durante esse percurso, seja em momentos felizes ou tristes da vida universitária.

Quero expressar todo o meu carinho e gratificação pela minha orientadora Geórgia Feitosa, que nunca mediu esforços para fazer esse momento acontecer.

Por último, quero agradecer a todos os meus ancestrais que foram sinônimos de RESISTÊNCIA para que hoje eu, negro, vindo de escola pública, tenha acesso a uma universidade federal.

Obrigado UNILAB e todos os professores que me moldaram a crescer e evoluir. Isso é só o começo.

O *FUNK* NO BRASIL: A CONSTRUÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO ETHOS FEMININO NAS CANÇÕES DOS MC´S DIGUINHO E JHEY

João Vitor Evangelista da Silva[1]
Drª. Geórgia Maria Feitosa e Paiva[2]

RESUMO

Mesmo com tantas conquistas, a estigmatização do gênero feminino ainda é uma das marcas que persistem no imaginário e na realidade, pois, como sabemos, os papéis sociais atribuídos às mulheres são continuamente inferiores se comparados com aqueles atribuídos ao gênero masculino. Com base nesta inquietação, e no poder da canção como instrumento de persuasão, este projeto de pesquisa tem como objetivo analisar a reprodução do machismo estrutural na representação do ethos feminino nas letras das canções "surubinha de leve" e "predador de perereca" dos mc´s Diguinho e Jhey. Para isso, partiremos da análise do discurso de linha francesa de Amossy (2005), Maingueneau (2008), que também tomaram como base os estudos da sociologia liderados por Goffman (1985). Como aporte metodológico, buscaremos aliar a análise do discurso à análise de conteúdo para identificar quais estereótipos e estigmas femininos são atribuídos às personagens das canções. Na análise, verificaremos de que modo as mulheres estão sendo relacionadas a incapacidades, conteúdos sexuais, animalização, objetificação, e aspectos integrantes do agenciamento machista. Diante disso, esperamos que essa investigação possa contribuir para a conscientização sobre a imagem da mulher nas canções, principalmente no ambiente cultural e nas ciências sociais e nas relações humanas, na medida em que torna visíveis as variadas formas em que as canções são usadas como instrumentos para deprimir, insultar, ferir ou violentar a imagem de alguma mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos de Gêneros; Ethos discursivo; Funk brasileiro; Machismo.

ABSTRACT

Even with so many conquests, the stigmatization of the female gender is still one of the marks that persist in the imaginary and in reality, because, as we know, the social roles attributed to

[1] Bacharel em Humanidade pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). E-mail: evangelistavitor230@gmail.com
[2] Orientadora: Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e professora do curso de Letras - Língua Portuguesa na Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). E-mail: georgiafeitosa@unilab.edu.br

women are continuously inferior if compared to those attributed to the male gender. Based on this concern, and the power of song as an instrument of persuasion, this research project aims to analyze the reproduction of structural machismo in the representation of female ethos in the lyrics of songs "surubinha de leve" and "predador de perereca" by mc's Diguinho and Jhey. For this, we will start from the French line discourse analysis of Amossy (2005), Maingueneau (2008), which also took as a basis the studies of sociology led by Goffman (1985). As a methodological contribution, we will seek to combine the discourse analysis with the content analysis to identify which stereotypes and feminine stigmas are attributed to the characters of the songs. In the analysis, we will verify how women are being related to incapacities, sexual contents, animalization, objectification, and integral aspects of the machista agency. Therefore, we hope that this research can contribute to the awareness about the image of women in songs, mainly in the cultural environment and in social sciences and human relations, as it makes visible the various ways in which songs are used as instruments to depress, insult, hurt or violate the image of some women.

KEYWORDS: Genre studies; Discursive ethos; Brazilian Funk;Machismo.

SUMÁRIO

1 TEMA: ……... 8

1.1 Delimitação do tema: ……. 8

2 OBJETIVOS ……..8

2.1 Objetivo geral ……8

2.2 Objetivos específicos ……. 8

3 PROBLEMAS ……... 8

3.1 Questão geral: …… 8

3.2 Questões específicas ……... 8

4 JUSTIFICATIVA ……..9

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA ……..11

5.1 O gênero musical funk no Brasil …… 11

5.2 Machismo estrutural ……13

5.3 A construção e a representação de ethos feminino …….. 14

5.3 O ethos feminino nas canções “surubinha de leve” e “predador de perereca” dos mc´s diguinho e jhey: estudo piloto …… 15

6 METODOLOGIA ……...

Erro! Indicador não definido.

7 CRONOGRAMA ……

Erro! Indicador não definido.

REFERÊNCIAS …… 20

1 TEMA:

O machismo estrutural no gênero musical

1.1 Delimitação do tema:

A construção e reprodução do machismo estrutural na representação do *ethos* feminino nas letras das canções “surubinha de leve” e “predador de perereca” dos mc´s Diguinho e Jhey.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Analisar a construção e reprodução do machismo estrutural na representação do *ethos* feminino nas letras das canções “surubinha de leve” e “predador de perereca” dos mc´s Diguinho e Jhey.

2.2 Objetivos específicos

- Descrever a história do Gênero musical Funk no Brasil
- Debater sobre o machismo estrutural;
- Discutir noção de ethos a partir de Amossy (2005);
- Identificar os diferentes *ethos* femininos elucidados nas letras dos mc´s Diguinho e Jhey.

3 PROBLEMAS

3.1 Questão geral:

• De que forma é representado o ethos feminino nas letras das canções dos mc´s Diguinho e Jhey?

3.2 Questões específicas

- Qual a visão de Amossy a partir de *ethos*?
- Quais os diferentes ethos femininos elucidados nas letras das canções dos mc´s Diguinho e Jhey?

4 JUSTIFICATIVA

A partir dos estudos de Amossy (2005), sobre as imagens de si no discurso, na construção do ethos, é possível observar que a construção de uma imagem que é repassada a partir de vários fatores na qual o ethos está inserido. Amossy (2005) caracteriza ethos como a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório. Levando em consideração o tema a construção e representação do ethos feminino nas letras das canções 'surubinha de leve' e 'predador de perereca' dos mc's diguinho e jhey" o ethos elucidados nas letras das canções são geradores de uma construção de repassar uma imagem detestável do sexo feminino.

Maingueneau (2008) busca investigar o ethos a partir da articulação entre corpo e discurso. Com base nas pesquisas, podemos relativizar que a construção do ethos tem todo um processo dentro da sociedade na qual estamos inseridos. Levando em consideração alguns trabalhos sobre o tema, como *O ethos feminino em propaganda de cerveja de Palmira Heine (2012) e Identidade, gênero e empoderamento: a (des) construção do feminino nas letras de funk de Treicy Pâmela* (2016)" HEINE 2012, CASTRO 2016. Os autores discutem sobre a imagem da mulher tanto nas propagandas de cervejas como nas músicas da Valesca Popozuda, retratando assim todo o processo da imagem que é repassada no contexto das pesquisas citadas.

Apesar dos trabalhos mencionados fazerem uma importante análise da construção do ethos com base em parâmetros relacionados ao tema central deste projeto, podemos mencionar que o estereótipo, gestado socialmente, influencia, tanto a construção do ethos pré-discursivo quanto do ethos discursivo, como se pode notar no esquema proposto por Maingueneau (2005a). Tomando essa menção, nosso projeto busca, de uma forma mais arquitetada, analisar todo o discurso trago nas letras de duas canções de funk, na qual uma parcela de pessoas do sexo feminino não faz uma análise na qual a melodia da música que passar.

Em nossa pesquisa, a identificação da construção do ethos feminino se dará de uma forma mais complexa, não apenas pela marcação dos atos de fala, mas observará nas letras das canções todo o processo de criação da imagem da mulher elucidada a partir de duas músicas de funk, tal qual como ressalta Amossy (2005) que em seus estudos faz toda uma apresentação da formação e construção de ethos. Portanto, a partir deste projeto será construída uma importante análise do discurso, será compreendido em termos de metas sociais como também

comunicativas, na medida em que as análises das letras das músicas passam aos ouvintes na qual constroem e compartilham suas imagens sociais relacionadas às mulheres.

Com base nos estudos de Ruth Amossy (2005), podemos analisar as letras das canções para discutir a capacidade que as palavras têm ao serem violentas e agressivas, tal fator que é muito pertinente na sociedade na qual as canções mencionadas trazem um discurso estereotipado das mulheres, é o caso da música "Surubinha de leve" de MC Diguinho, que no começo de 2018 esteve entre os assuntos mais comentados no cenário musical brasileiro. Puxado pelo hit lançado no final de 2017, visando vencer a corrida para ser o grande Hit do Verão, o artista chegou a estar entre os mais tocados nas plataformas de streaming e viu a canção figurar entre os assuntos mais buscados no Google.

A grande polêmica com a letra da música, escrita com termos chulos e palavras de baixo calão, o refrão sugere a seguinte sequência de atos: Só uma surubinha de leve, surubinha de leve/Com essas filhas da puta/Taca a bebida, depois taca a pica/E abandona na rua. Retratando ao senso comum, a letra da música se apropria de uma série de versos que passam do sentido de ser razoável, pois apresenta não só a misoginia, como também, o crime e a apologia ao estupro. Além disso, a canção repassa a imagem da mulher como objeto sexual.

Diante deste fato social (música e violência), buscaremos, neste trabalho, compreender o processo de materialização da construção do ethos feminino nas letras das canções "surubinha de leve "e" "predador de perereca" por meio de estratégias de analisar todo esse discurso trago nas canções como também entender a noção de ethos no meio social, além de repassar a importância sobre a fundamentação de uma imagem ou discurso que seja repassado para a sociedade.

Tendo em vista que os trabalhos sobre a construção do ethos feminino nas letras das canções de funk trazem apenas conceitos de que a mulher é usada como objeto sexual, além das letras machistas, nosso trabalho busca de uma forma única e conceitual explicar todo esse processo de construção de uma imagem e suas representações na sociedade na qual vamos usar duas letras de canções para demostrar que mesmo as discussões sobre o quanto o machismo fere e mata mulheres todos os dias, ainda estamos muito longe de desconstruir a cultura do estupro instaurada em nosso país, como também as mesmas trazem a construção da imagem da mulher em seu contexto. Prova disso é que muitas pessoas ainda acham isso normal na nossa sociedade contemporânea.

Sendo assim, este projeto tem como objetivo geral analisar a construção e a representação do ethos feminino nas canções “surubinha de leve” e “predador de perereca” dos mc’s Diguinho e Jhey. Esperamos que essa investigação possa contribuir de forma pertinente sobre formação de uma imagem da mulher nas canções, principalmente no ambiente cultural, na medida em que torna visíveis as variadas formas em que as músicas são usadas para deprimir, insultar, ferir ou violentar a imagem de alguma mulher. Diante disso, podemos dizer que é importante compreender essas relações da música e a imagem construída para as mulheres, isso pode ser um fator que amenize a violência contra a mulher ou até mesmo a incitação ao estupro.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica deste projeto está dividida em quatro tópicos: o primeiro se conjectura em descrever a história do funk no brasil; a segunda sobre a presença do machismo estrutural; terceiro buscará, uma discussão específica sobre a definição de ethos a partir de Amossy (2005); por fim, o quarto tem por finalidade identificar as diferentes representações do ethos feminino elucidados nas letras das canções dos mc´s Diguinho e Jhey.

5.1 O gênero musical funk no Brasil

O funk é um movimento cultural e artístico que nasceu nas periferias, dando voz e lugar de fala principalmente ao povo negro. O ritmo musical funk é um estilo musical que se mostrou através da música negra norte-americana no final do decenário de 1960, o qual passou por todo um processo até os dias atuais do século XXI. O mesmo ganhou mais espaço na mídia brasileira há pouco menos de uma década, embora sua história tenha marcas desde o seu começo. A popularização deste ritmo, como o de muitos outros no Brasil, está intimamente relacionada a sua abrangência nos Estados Unidos.

Na cena brasileira, segundo Yúdice (2004), os frequentadores dos bailes funk eram tratados como uma ameaça à democracia brasileira em oposição aos chamados “caras pintadas” que representavam o pensamento político jovem do país. Tal concepção surge da apresentação de artistas que escrevem letras de músicas que nos fazem refletir sobre os transtornos sociais como machismo, racismo, hierarquia social e violência policial, e outras adversidades sofridas pelas populações subalternizadas.

Um exemplo disso é a música “Não foi cabral” da MC Carol . A cantora é uma artista natural de Niterói no Rio de Janeiro que faz várias letras denunciando as mazelas sociais. A

canção “Não foi Cabral” denuncia o genocídio do índio que os ditos portugueses fizeram, como também relata a truculência na época da escravidão no Brasil.

Entre as várias representações do funk no brasil, o gênero musical marca uma trajetória ascendente dos movimentos negros, no entanto, apesar de o movimento negro ter ganhado mais resistência e empoderamento, o preconceito e discriminação ainda persistem na composição das letras das canções.

Ainda marginalizado, o funk passou por mudanças em seu contexto. Lopes (2011) e Herschmann (2005) desenvolvem análises que procuram salientar como se deu o processo de construção do estigma sobre o funk no Brasil, em um sistema iniciado no Rio de Janeiro, durante os anos 90 do século XX. Os estudiosos apontam que a estigmatização ainda é algo palatável no gênero musical, pois a forma cultural de construções de identidades se moldou, dando origem a um novo tipo de funk, que viria a ser a uma construção e erguimento desse gênero musical, nos anos 2000. Segundo Essinger (2005, p.200) “Os bailes, em sua maioria, ficam pacíficos, mais “bailes comuns” e as pessoas vão às festas apenas para dançar e paquerar”. Diante de todo esse processo as músicas cada vez mais eróticas e com coreografias sensuais ganham importância da mídia e conquistam vários lugares no território brasileiro, como o Carnaval, os bailes funk, e as equipes de mc´s, são os principais personagens da cena funk.

Entre os temas que figuram as canções estão: o uso de armas, vida nas favelas, drogas, posteriormente o conteúdo elementar do funk veio a ser lascivo, como dupla percepção, letras de conotação sexual.

Hoje, o funk mais predominante no Brasil é o funk conhecido como carioca, marcado pelo apelo comercial e pela promoção de estereótipos que propagam estigmas sociais, em especial das mulheres, com o uso de termos chulos, de baixo calão, como por exemplo: “cachorra”, “piranha”, “vadia”, “potranca”, “popozuda”, “foguenta”, “tchutchuca”. Como movimento social, o gênero musical também faz apologia ao crime organizado nas grandes aglomerações em algumas músicas no “proibidão”.

Levando em consideração esses aspectos relacionados, podemos dizer que o funk passou por diversas transformações até os dias de hoje em todos os sentidos. Apesar de muitas vezes fazer uma correlação em suas letras de funk proibidão como uma inferioridade da imagem da mulher, gostaríamos de ressaltar que esta pesquisa não criminaliza e nem aponta uma marginalização ao ritmo musical funk, mas visa abordar e discutir sobre o conteúdo das letras que ofendem a imagem da mulher brasileira.

5.2 Machismo estrutural

O machismo estrutural como está presente na nossa sociedade contemporânea, seja em ambientes de Trabalho, na política, nos relacionamentos e em outros fatores existentes dentro desse sistema de representações simbólicas, na qual é fortemente ligado a intimidade sexual e inferiorização e subjugação da mulher como inferior (DRUMONT,1980, 81-85.) Tendo o machismo como um elemento notável na nossa sociedade, o mesmo se apresenta com alguns conceitos apresentados no dicionário online de Michaelis (Machismo, 2018: "1. Qualidade, comportamento ou modos de macho (homem); macheza, machidão. 2. COLOQ Orgulho masculino em excesso; virilidade agressiva. 3. Ideologia da supremacia do macho que nega a igualdade de direitos para homens e mulheres." Com base nisso, o machismo lança-se como uma forma de dominação cultural e social.

> O machismo ao ser compreendido como um agenciamento, onde se implicam a problemática do poder e do desejo por esse poder, passa a habitar um lugar de destaque como valor e conceito na grade cultural vigente da sociedade ocidental. Assim, sua incidência não se limita aos corpos masculinos, mas sim, se amplia a todos os corpos que compartilhamam do socius. (PASSINI, 2018,p.23)

Historicamente, o machismo estrutural vem ganhando espaço no Brasil desde a colonização (1530-1822) até os dias atuais, com acontecimentos e fatos pelos quais mistificam as relações entre o sexo masculino e feminino. Como ressalta Lang (2001, p. 461) "Os homens dominam coletiva e individualmente as mulheres. Esta dominação se exerce na esfera privada ou pública e atribui aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos". Diante disso, podemos perceber essa superioridade em esfera social, fazendo que o machismo estrutural seja fator dominante na nossa sociedade e nas instituições de controle.

Tendo o machismo como fator cultural, que afeta diretamente a existência das mulheres no cotidiano, é subjetivada a uma imagem e um preconceito onde distingue os direitos de igualdade de homens e mulheres. Assim, o machismo estrutural, como podemos notar, é um instrumento presente em várias conjunturas. Um exemplo disso é no gênero musical funk em algumas de suas canções do funk "proibidão". quanto a isso, Travaglia (1990) "entende que a função do humor possui ampla disseminação em todas as áreas da vida humana, excedendo a ideia de apenas provocar o riso. O autor deixa claro, o humor o revela e expõe a visão de mundo, e expõe a realidade cultural e natural da sociedade da qual imerge". Pelo qual, através de algumas letras das canções podemos ver o quando a piada se manifesta em forma de machismo e colocando a mulher como objeto ou ser inferiorizado.

Em consequência disso, torna-se extremamente importante fortalecer as lutas e movimentos sociais feministas, para pautar essa luta contra o machismo estrutural, que tanto se

perpetua na nossa sociedade, pois como sabemos, é notório que, o sexismo recreativo não se manifesta por meras brincadeiras desconexas da realidade e sem ligação a um contexto social e cultural, pelo contrário, o humor pode se valer como estratégia para se dizer coisas que socialmente não seria bem aceita ou que poderiam causar desconforto, as tais "verdades encobertas" que se refere Ziraldo (1970. p.36).

5.3 A construção e a representação de ethos feminino

A construção do ethos está diretamente ligada à construção de uma imagem. Segundo Amossy (2005, p. 133), "É nesse contexto, também, que é preciso retomar dois polos da retórica clássica, muitas vezes negligenciados pelas teorias da argumentação: o ethos, ou a construção da imagem de si no discurso".

Diante disso, podemos compreender que o ethos é uma criação ou argumentação de uma imagem na sociedade. Roland Barthes (1970, p. 212) define ethos como "os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão: é o seu jeito [...]. O orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: sou isto, não aquilo". O autor faz uma conjuntura sobre a formação da imagem do indivíduo na sociedade na qual está inserido podendo causar impressões. Levando em consideração a construção do ethos, podemos relacionar com o gênero musical funk onde traz uma análise do discurso muito estereotipada em suas letras.

Para demonstrar a situação do discurso, ressalta Goffman (1985, p.118), que a representação é "a totalidade da atividade de determinado indivíduo, em dada ocasião, realizada com objeto de influenciar de certa maneira um dos participantes". De acordo essa perspectiva, o ethos e a relação de influenciar tem uma ligação muito sincronizada, pois a representação de uma atividade tem uma grande significação na noção e construção do ethos no conceito de criar uma representação.

De acordo com isso, podemos analisar a construção de uma imagem no sentido de passar para a sociedade tal visão que seja capaz de influenciar seja essa imagem em uma totalidade verídica ou uma imagem delineada. Com base em Amossy (2005) o ethos na análise do discurso de Dominique Maingueneau (1996, p.66) ele ressalta sobre a elaboração da construção de uma imagem nos discursos. Segundo ele "a noção de ethos se desenvolveu de forma articulada á de cena de enunciação", na qual essa significação de ethos tem relação com a apresentação de cada enunciado ao se apresentar diante tal argumentação. Essa perspectiva pode se relacionar com

as imagens que construímos para viver na sociedade, pois cada representação tem sua avaliação de si, seja ela num discurso ou em qualquer meio de se persuadir algo aos telespectadores.

No que diz respeito ao ethos, Aristóteles se baseia em três importantes avaliações que estão ligadas ao discurso que são logos, ethos e pathos. Sendo o ethos como mais importante. Assim, para Aristóteles (2012, p. 12), a retórica é a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com a finalidade de persuadir. A retórica parece ter a faculdade de descobrir os meios de persuasão sobre qualquer questão e, por esse motivo, ele afirma que, como arte, as suas regras não se aplicam a nenhum gênero específico de coisas. Levando em consideração a essa retórica de Aristóteles ele nos leva a entender sobre o meio de persuadir sobre determinada questão, ou seja, a forma como o ethos vai se objetiva na formação de cada ouvinte.

Diante disso, podemos compreender que a construção do ethos é uma formação de uma imagem de si diante de tal formação e compreensão de algum fator seja cultural como, teatro, letras de músicas ou um fator social, pois o mesmo está totalmente relacionado à nossa vivência na sociedade. Outro fator bastante pertinente e a importância da construção do ethos para a criação de propagação de estereótipos, pois é de suma transcendência que o ethos criasse uma serie de estereótipos no meio social. Levando essa afirmação em relação ao tema abordado percebesse que ao verificar as letras das canções há uma conjuntura de formação de uma propagação de imagens relacionadas à mulher. Na qual, esse aspecto da importância da música fica notório que a mesma tem sido utilizada para repassar conceitos machistas que banalizam a imagem da mulher, além de serem desrespeitosas e que diminuem a importância da mulher no meio social.

5.3 O ethos feminino nas canções “surubinha de leve” e “predador de perereca” dos mc´s diguinho e jhey: estudo piloto

Todas as músicas têm a capacidade de apresentar diferentes ethos no seu discurso, e em geral todas as letras repassam algo aos ouvintes, um sistema de símbolos que podem ser incorporados na sua vida cotidiana, na sua cultura, no modo como veem uns aos outros, logo essa discussão passa a ser uma totalidade de uma conjuntura na sociedade seja ela em todas as esferas. O ethos feminino representado nas canções nos faz refletir sobre o papel da mulher dentro do movimento musical funk.

De acordo com Ruth Amossy (2005), que fala sobre a linguística da enunciação e a inscrição do locutor no discurso retrata sobre Kerbrat-Orecchioni (1996,p.32) que sugere

incorporar, “na competência cultural dos dois parceiros da comunicação [...] a imagem que eles fazem de si mesmos , do outro e a que imaginam que o outro faz deles”. Levando em consideração esse aspecto, o ethos feminino nas canções aborda sobre uma imagem de inferioridade do papel feminino nas letras das canções. De acordo com Leandro Karnal (2017, p.54), “a incitação à violência contra a mulher infelizmente ainda não é crime da mesma força, é apenas falta de cérebro e de caráter que gera morte, dor e traumas”.

Com isso podemos perceber que a construção da imagem da mulher não está relacionada apenas a violência física, mas também com todo esse processo de machismo e a masculinidade forte que se opõe ao feminino, condenado a fragilidade inerente, a incapacidade, e a objetificação sexual, os estereótipos são criados para aprisionar a mulher, e quando entoados nas canções contribuem para a reprodução do pensamento machista, como podemos ver nos exemplos 1 e 2:

Exemplo 1: Predador de Perereca MC Jhey

Só ela dá conta Pra três
ela senta Mais três ela mama então
Eu, Tu, "Nóis" bota nela
O Bonde chegou "é" os predador de perereca
Sapeca pepeca, divide essa tcheca
Vai sentar com força pros meninos da favela então
Eu, Tu, "Nóis" bota nela
O Bonde chegou "é" os predador de perereca
Sapeca pepeca, divide essa tcheca
Vai sentar com força pros meninos da favela.

Exemplo 2: Só Surubinha de Leve Mc Diguinho

Pode vim sem dinheiro
Mais traz uma piranha
Brota e convoca as puta
Brota e convoca as puta
Mais tarde tem fervo
Hoje vai rolar suruba
Só surubinha de leve
Surubinha de leve com essas filha da puta
Taca bebida depois taca pika
E abandona na rua.

Ressaltando a construção do ethos como uma imagem de si, como nos mostra Ruth Amossy (2005), podemos observar as letras sob uma análise na construção da imagem

feminina, pela qual as coloca em um contexto muito machista, na qual a apresentação das mulheres é dada como objetos sexuais nas canções como também são tratadas como animais.

De acordo com Amossy (2005, apud, MAINGUENEAU, 2005), “quando limitamos o universo discursivo unicamente aos objetos linguísticos, precavemo-nos do risco que qualquer tentativa Inter semiótica possa oferecer, mas, por outro lado, perdemos muito do todo que constitui uma prática discursiva”.

Diante disso, podemos fazer uma relação com as letras de funk como o discurso machista e percebe-se que para as mulheres em suas letras qure o sexo feminino é usado como benefício masculino, sendo a mulher objetificada.

Para Pêcheux (1983, p. 55), “esse discurso-outro, enquanto presença virtual na materialidade descritível da sequência marca, do interior desta materialidade, a insistência do outro como lei do espaço social e da memória histórica, logo como o próprio princípio do real sócio Histórico”.

Diante disso, podemos perceber que o discurso apresentado nas canções sobre as mulheres propaga a ideia de que as mulheres devem submissão aos homens, devem “sentar neles”, pois dependem para ter autonomia. As letras revelam a assimetria social decorrente de vários fatores sociais. Relacionando esse discurso com o sexo feminino mostra que cria uma imagem nas canções como uma incitação em que faz as mulheres a ocupar um espaço de dependência, ou seja, as músicas passam uma imagem antipática ao público relacionados a mulher.

Tendo em vista que o machismo é um sistema que se encontra em todos os ambientes da nossa sociedade estruturante, ele compõe um fenômeno que retrata a violência, o preconceito, danos à saúde mental e o favorecimento do gênero masculino em detrimento do feminino, como podemos ver no impacto do machismo ao crescente aumento no número de vítimas a violência contra a mulher.

Em 2020, segundo o “Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos”, foram registradas 105.821 denúncias de violência contra a mulher nas plataformas do Ligue 180 e do Disque 100. O número de casos de feminicídio também apresentou aumento em diversos estados do Brasil, quando comparado com o mesmo período do ano de 2019. Também aumentaram os registros de violência psicológica e diminuiu a sensação de proteção principalmente em tempos de pandemia da COVID-19”.

Diante disso, podemos perceber o quanto o machismo afeta as vivências e a trajetória de várias mulheres, o que é assustador, pois isso exclui e mistifica as relações de poder, na qual

as mesmas não estão seguras nos seus próprios lares, tornando-se símbolo de uma sociedade violenta e que apresenta esse cenário avassalador em um território profundamente desigual.

Não diferente dos outros aspectos simbólicos do machismo que estão inseridos na nossa cultura, no estilo musical funk "pesadão", a linguagem e a construção da imagem feminina se atrelam a sons e ritmos que conjecturam a inferiorização das mulheres e a criação de uma imagem repulsiva ,como se apresenta as canções analisadas "predador de perereca" e "surubinha de leve", cujas melodias apresentam o machismo de forma ostensiva, além da objetificação do corpo da mulher em favorecimento do sexo masculino, apresenta -se uma reparação histórica sobre o papel masculino em sobreposição da mulher na sociedade que padece com esse fator durante tempos dentro um sistema patriarcal.

De acordo com Lourenço, Artemenko e Bragaglia (2014, p.13), "é inegável que a submissão e a 'objetificação' do público feminino se traduziram em efeitos nocivos à sobrevivência igualitária entre os gêneros", pelo qual podemos perceber a criação de valores sociais em relação ao sexo feminino que segundo Norman Fairclough (1992, p. 91), o discurso é um fenômeno socialmente construído e "contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem". Apresentando assim, nas canções a dimensão de como a mulher é objetificada e reprimida onde nos discursos propagados pelas músicas, as mesma compartilham uma imagem automaticamente da mulher como ser objetificado onde diz: "pra três ela senta", "divide essa tcheca" , "taca bebida , depois taca pica e abandona na rua". Dentre as várias situações, a naturalização da vulgarização do sexo feminino se faz muito proeminente. De maneira idêntica, outras músicas se enquadram em expor essa mistificação do machismo como a melodia de "É tudo puta " do Mc Maneirinho , " Open the tcheca" do Mc Lan , "Piranha safada" do Mc TH. Onde se tange ao lado desfavorável do funk proibidão e sua temática machista.

Outro fator bastante simbólico na manifestação da objetificação da corpulência feminina é o samba que apesar de ter uma história fortemente ligada a voz do povo negro e amostra de um marco cultural ligado a história do nosso território, o machismo e a objetificação do corpo feminino passam ao vivo para os telespectadores, é o caso da globeleza onde se cria uma naturalidade a este movimento violento e racista que é apresentado pela mídia ao longo dos tempos. Segundo Pinho (2004, p.104), a formação do dito povo brasileiro foi marcada pela posse dos corpos racializados, a sexualidade, a mestiçagem e a racialização parecem caminhar juntas, formando a identidade nacional como uma "estrutura da conjuntura", marcada pelo abuso e pela reificação subordinante da alteridade, ao mesmo tempo como objeto de desejo e

de controle social. Formando assim, relações de poder e a formulação do machismo e do controle social sobre a imagem direta ou indireta dos corpos femininos no que diz a respeito a esse objeto de desejo.

Para Orlandi (2009) a ideologia está ligada às posições que o sujeito ocupa nas relações sociais, e no interior das formações ideológicas estão as formações discursivas, pelas quais há a construção do ser feminino dentro das canções. Na obra "A representação do eu na vida cotidiana" (1959) do sociólogo canadense Erving Goffman, apresenta-se como objetivo central a interação face a face , onde levando em consideração ao eixo central da nossa pesquisa que apresenta a palavra "estigma" está relacionada a vários fatores da nossa sociedade.

Assim sendo, a construção do ethos feminino no discurso musical das letras das canções analisadas, apresenta o estigma da mulher como um fator que instantaneamente caracterizadas como descartáveis do seu papel feminino , fazendo assim uma condução de como a mulher ainda é estigmatizada e objetificada em um contexto machista e preconceituoso sobre o ser mulher , a sua representação de imagem e os diferentes corpos que sofrem com essa perpetuação altamente destrutiva.

Para Goffman 1963, tanto os profissionais quanto a indústria da comunicação tem conhecimento do efeito que a impressão momentânea produzida principalmente pela televisão - incluímos a internet – tem sobre a opinião de uma maciça audiência.

Por todos esses aspectos, é alentado o quanto não podemos ignorar o assunto sobre o machismo, o estigma da mulher e a objetificação dos seus corpos. Segundo Farias e Fernandes (2007, p. 6):

> A cultura da mídia oferece a base sobre a qual muitas pessoas constroem seu senso de classe, de raça e etnia, de nacionalidade, de sexualidade; enfim, ela nos ajuda na construção de nossa identidade e na determinação do que seja o "Outro", o diferente do que somos.

Diante do exposto, é plausível que toda a sociedade se comprometa no combate a essa marca social do machismo que afeta diretamente a vida e a imagem das mulheres, pois temos que ser cientes que é o mesmo é um instrumento de poder forte que está enlaçado na nossa

6 METODOLOGIA

Este projeto terá como base uma pesquisa qualitativa, na qual visa interpretar o fenômeno que observa. Ademais, vamos se conjecturar em uma pesquisa documental onde a

mesma está ligada a uma investigação, por meio de documentos, com o objetivo de descrever e comparar os costumes, comportamentos, diferenças e outras características, tanto da realidade presente, como do passado.

De acordo com as pesquisas realizadas para saber a construção do ethos feminino nas canções “surubinha de leve” e “predador de perereca” dos mc´s diguinho e jhey, vamos se fundamentar na técnica da observação, pois diante do tema central, o ato de observar se torna muito importante, pois podemos observar as canções e as letras em diferentes espaços.

Para a coleta de dados, vamos usufruir a análise do discurso quanto técnica na qual o processo de análise discursiva tem a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção, que podem ser verbais e não verbais, bastando que sua materialidade produza sentidos para interpretação; podem ser entrecruzadas com séries textuais (orais ou escritas) 4 ou imagens (fotografias) ou linguagem corporal (dança).

Para esta investigação, nos deteremos tão somente nos aspectos textuais que integram as canções. A partir deles, serão observadas quantas vezes e de que modo a mulher é referenciada e qualificada nessas canções. Na análise, verificaremos se as mulheres estão relacionadas a incapacidades, conteúdos sexuais, animalização, objetificação, aspectos integrantes do agenciamento machista.

7 CRONOGRAMA

ATIVIDADES	**2021**	**2022**
Pesquisa Bibliográfica	X	X
Produção do Projeto de Pesquisa	X	X
Produção do Estudo Piloto		X
Defesa de TCC		X

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005.

ARNOLDT, Jason Patrick. **Transformações no funk carioca (1980-2017):** Cenário sócio-histórico e cultural, hibridismos e principais personagens. 2019. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

CAZUMBÁ, Bárbara de Brito. **Elas estão descontroladas**: um estudo das estratégias linguístico discursivas de (re)afirmação do machismo nas letras das canções de funk masculinas nas décadas de 1990, 2000 e 2010. 2017. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

DANTAS, Tiago. **"Funk"; Brasil Escola.** Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/artes/funk.htm. Acesso em 23 de novembro de 2019.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da "Análise automática do discurso" de Michel Pêcheux. **In:** GADET, F. & HAK, T. (Orgs). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

HEINE, P. V. B. O ethos feminino em propagandas de cerveja. Linguagem, v. 20, 2012.
OLIVEIRA, E.A.C.de. **A expressão da identidade feminina no gênero musical funk**. Disponível em: http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/cd/Port/45.pdf. Acesso em: 23 jan 2020.

PASSINI, Ms. Pedro Mestre. Machismo e agenciamento: traçando aproximações conceituais. **In:** I congresso do programa de pós-graduação em psicologia da uel. 30 e 31 de agosto de 2018, 1., 2018, Londrina. **Machismo e agenciamento:** traçando aproximações conceituais. São Paulo: Pkp, 2018. p. 1-5.

SP, Secretaria do Desenvolvimento. **Violência contra a mulher é preocupante durante a pandemia**. Disponível em: https://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/violencia-contra-a-mulher-e-preocupante-durante-a-pandemia/. Acesso em: 07 jan 2022.

PEREIRA, T. P. C. . Identidade, gênero e empoderamento: a (des)construção do feminino nas letras de funk. In: **VI COLÓQUIO E I INSTITUTO DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE ESTUDOS DO DISCURSO BRASIL**. Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas, 2017, SÃO CARLOS. TRABALHOS COMPLETOS. VI COLÓQUIO DA ALED BRASIL. Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas, 2016. v. 2. p. 1-16.

SILVA, Fábio Gusmão da. **A construção de um ethos discursivo por meio de recursos intertextuais**. 2016. 162 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Ufrj/ Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2016.

SANTOS, Jessyka Camila Faustino dos. **O espetáculo da Mulher Negra Nua na Televisão:** um estudo de caso sobre a Globeleza. Revista Iniciacom, Alagoas, v. 7, n. 1, p. 1-12, nov. 2018.

SALVINI, Leila *et al*. **Entre fachadas, bastidores e estigmas:** uma análise sociológica do futebol feminino a partir da teoria da ação social de Erving Goffman. Rev Bras Educ Fís Esporte, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-11, 29 dez. 2015.

SANTOS, Carla Barbosa Santos dos. **A influência do funk na formação identitária de adolescentes.** 2020. 12 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Instituto Federal Baiano – Ifbaiano, Maceió, 2020.